

As projeções de produção de cana, açúcar e etanol para a safra 2023/24 da Fiesp/MB

Agro

No Brasil, a cana-de-açúcar experimentou um forte ciclo de crescimento da produção na década passada. A aceleração dos investimentos em novas usinas, principalmente a partir de 2003, foi motivada pelo crescimento da demanda de açúcar no mercado internacional, especialmente após a reforma da política europeia para o produto, e pelo uso crescente do etanol, a partir do desenvolvimento dos veículos com motores Flex Fuel no País.

Além disso, havia a perspectiva de exportar o produto para um número crescente de países que optavam por acrescentar os biocombustíveis em suas matrizes energéticas, principalmente os Estados Unidos e a Europa, com o estabelecimento da política de biocombustíveis em 2005.

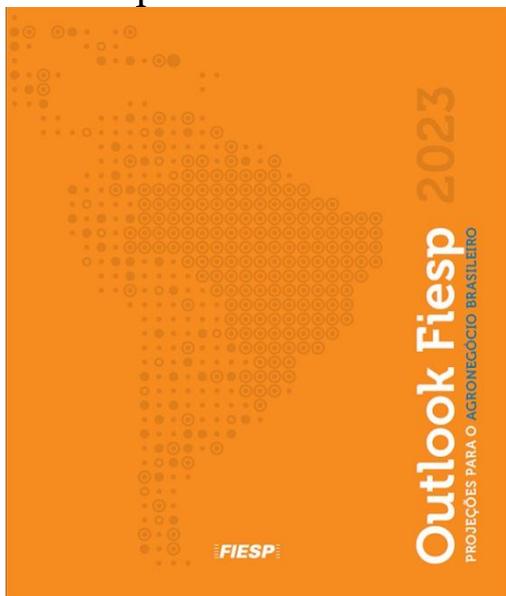


[Infográfico] As projeções de produção da cana, açúcar e etanol na safra 2023/2024

Em resposta a esses fortes estímulos de demanda, a produção de cana-de-açúcar passou por um significativo incremento na última década, fundamentalmente no período compreendido entre os ciclos de 2001/2002 e 2008/2009, ano da crise econômica mundial. Nesse intervalo, a safra cresceu a um ritmo de 10,6% ao ano, atingindo 573 milhões de toneladas. A partir de 2009/2010, até a safra 2012/2013, houve não só uma ruptura com o ritmo apresentado até então, mas a produção passou a variar negativamente em 1% ao ano.

Após a crise financeira global de 2008, os investimentos no setor cessaram e a expansão dos canaviais foi comprometida, em especial pela redução abrupta do crédito, que era abundante até então. Como resultado, grande parte das empresas encontrava-se altamente endividada, cenário que foi potencializado pelo aumento da oferta mundial de açúcar.

Não obstante, os custos de produção no Brasil se elevaram e, mesmo com a recuperação dos preços do açúcar e do etanol na safra 2009/2010, a situação financeira desfavorável da maioria das empresas estava longe de ser equacionada. O setor passou a experimentar um forte movimento de fusões e aquisições, ao mesmo tempo que parte da capacidade de moagem passou para empresas multinacionais, fatores que modificaram de forma importante o seu perfil.



Faça o download do estudo completo: [Outlook Fiesp 2023, Projeções para o agronegócio brasileiro](#)

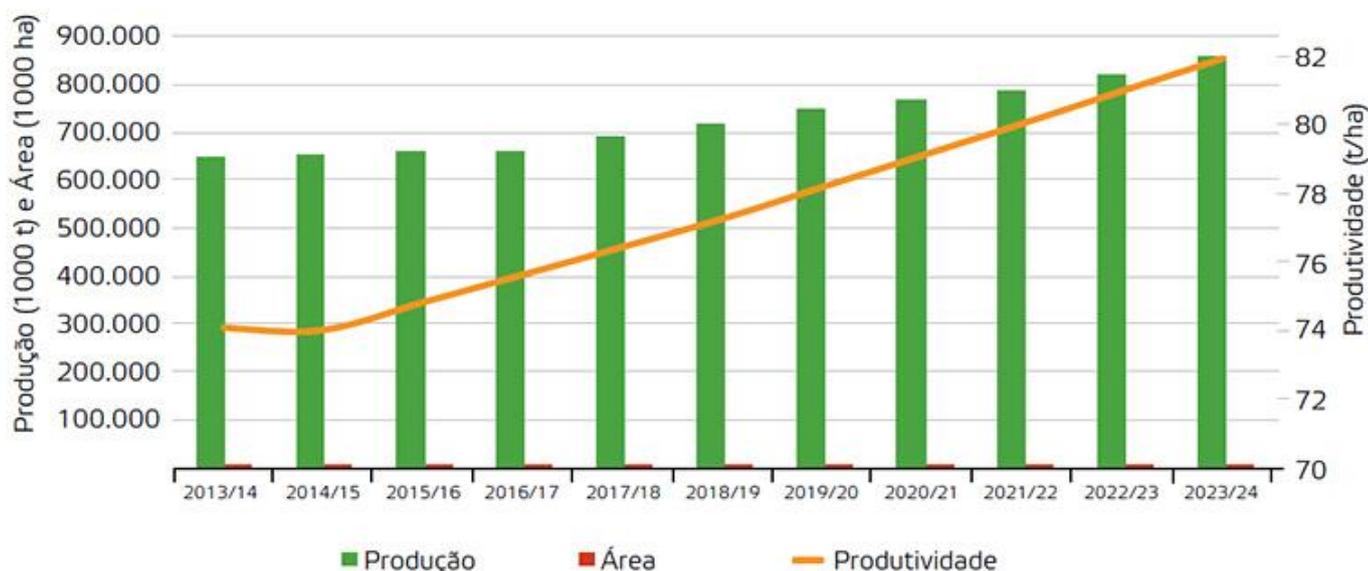
Além disso, algumas das empresas que fizeram aquisições de grupos altamente endividados foram surpreendidas com uma sequência de safras com sérios problemas climáticos. Soma-se ao cenário desfavorável a política de defasagem do preço da gasolina praticada pelo governo federal em relação ao mercado internacional, o que levou à desativação e falência de um grande número de usinas.

Desde a safra de 2008, o setor perdeu uma capacidade de moagem de 48 milhões de toneladas de cana, no balanço entre a entrada em operação de novas unidades e o fechamento de outras. Com isso, essa capacidade chegou, em 2013, a cerca de 600 milhões de toneladas na Região Centro-Sul.

As quedas de produtividade, causadas pela redução nos tratamentos com os canaviais, a idade avançada da lavoura, a mecanização e os problemas climáticos, começaram a ser revertidas na safra 2013/2014 ¹.

Em 2023/2024, haverá a necessidade de o Brasil atingir uma área plantada de 10,5 milhões de hectares e um esmagamento de cana-de-açúcar da ordem de 862 milhões de toneladas para atender o crescimento do consumo e das exportações de açúcar e etanol, que serão detalhados a seguir.

Produção, Área e Produtividade Brasileira de Cana-de-Açúcar



Fonte: Outlook Fiesp

Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

Açúcar e Etanol

A produção brasileira de açúcar passou de 16,3 milhões de toneladas em 2000, para 38,2 milhões de toneladas em 2013. Nesse intervalo de tempo, a produção do Nordeste cresceu aproximadamente meio milhão de toneladas, chegando a 4 milhões de toneladas, enquanto o Centro-Sul foi responsável pela maior parte do aumento da oferta, permitindo ao Brasil ser o maior fornecedor do produto no mercado internacional, chegando a responder por metade das exportações mundiais no período.

Até a criação do carro Flex Fuel, em 2003, a produção do setor sucroalcooleiro do Centro-Sul do País era prioritariamente voltada para o açúcar. A partir dessa data, houve uma inversão em favor do etanol, que atingiu 58% de participação em 2008/2009. Com a quebra da produção da Índia, em 2009/2010, e a baixa rentabilidade do etanol, em razão da política de preços de combustíveis do País, a atividade voltou-se gradativamente para a produção de açúcar, que passa a utilizar cerca de 50% da oferta de cana para moagem.

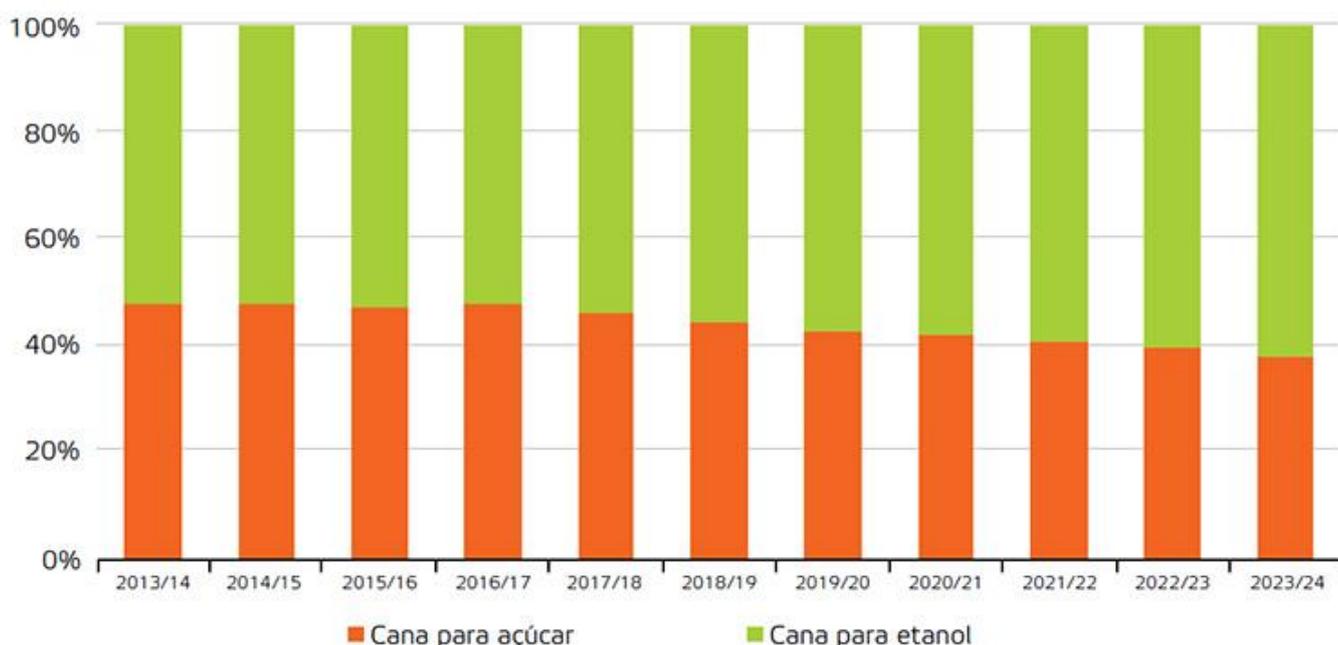
Na safra 2012/2013, a produção brasileira de etanol, impactada pelos problemas do clima e de produtividade, caiu para 23,2 bilhões de litros, 4,3 bilhões a menos que no auge da produção em 2008/2009, que registrou 27,5 bilhões de litros. No entanto, em relação a 2000, a oferta brasileira aumentou em 120%. Entre 2000 e 2008, quando a expansão do etanol chegou ao seu auge, o crescimento foi de 160%, ofertando ao mercado um adicional de 16,9 bilhões de litros.

A continuidade do crescimento das vendas de carros Flex Fuel e da demanda mundial pelo açúcar oferecem ao setor um horizonte de recuperação no longo prazo, mas que deve passar por ajustes nos próximos anos, incluindo a necessidade da

revisão das políticas governamentais. O superávit entre a oferta e a demanda global do açúcar, que se ampliou nas últimas safras com o aumento da produção da Índia e dos países que têm a beterraba como matéria-prima, tende a se reduzir em razão do patamar atual dos preços do produto.

Como consequência, as cotações do açúcar deverão passar por um novo movimento de alta no médio prazo, o que poderá oferecer alguma condição para a retomada dos investimentos na elevação da capacidade de produção daqui a alguns anos.

Destino da Cana-de-Açúcar



Fonte: Outlook Fiesp

Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

Exportação

O Brasil é o principal fornecedor de açúcar ao mercado internacional, com, aproximadamente, 50% do volume total, seguido pela Tailândia que, devido a um surpreendente ritmo de crescimento de 14% ao ano na última década, já representa 14% das exportações globais.

Na safra 2013/14, o País deve colocar no mercado internacional 26,7 milhões de toneladas do produto. Desse total, 80% deve ser de açúcar em bruto, enviado para mais de 80 países, sendo os principais a Rússia, o Irã e a China. Já o restante embarcado corresponde ao açúcar refinado, que é exportado para mais de cem mercados, tendo como principais destinos os países árabes e asiáticos, como os Emirados Árabes, o Iêmen e o Paquistão.

Quanto ao etanol, a partir do Energy Policy Act norte-americano, de 2005, o Brasil viu suas exportações deslançarem para os EUA, chegando a 4,7 bilhões de litros em 2008/2009. Esse salto nos embarques ocorreu enquanto os EUA não tinham oferta interna suficiente para atender às exigências estabelecidas. Com os investimentos americanos na produção de etanol de milho, as vendas do combustível brasileiro

foram reduzidas, chegando a 1,9 bilhões de litros em 2010/2011.

No entanto, de acordo com a política dos EUA para os combustíveis renováveis, estabelecida a partir de 2009, uma parcela crescente de biocombustíveis avançados, que reduzem as emissões de gases do efeito estufa em pelo menos 50% em relação à gasolina, passaria a fazer parte do consumo de combustíveis do país. Com a tecnologia existente, apenas o etanol de cana-de-açúcar satisfaz esses requisitos e tem oferta suficiente para atender o mercado, posicionando o Brasil como o principal fornecedor para suprir grande parte dessa lacuna.

Entretanto, com os problemas de produção enfrentados pelo Brasil, em 2011/2012, as exportações mantiveram-se em 1,9 bilhão de litros, ao mesmo tempo que houve a necessidade de importar 1,5 bilhão de litros de etanol dos EUA, para suprir a demanda doméstica do combustível. Em 2012/2013, as exportações brasileiras de etanol voltaram a crescer, somando 3,5 bilhões de litros, embora o Brasil siga importando o produto em menores quantidades.

No que diz respeito ao mercado internacional, a demanda por etanol de cana-de-açúcar tende a crescer, se mantido o atual modelo do mandato norte-americano para biocombustíveis. Além dos EUA, outros países colocam em prática o uso de etanol na matriz energética e o déficit entre a oferta e a demanda mundial desse produto tende a manter o Brasil como seu principal fornecedor.

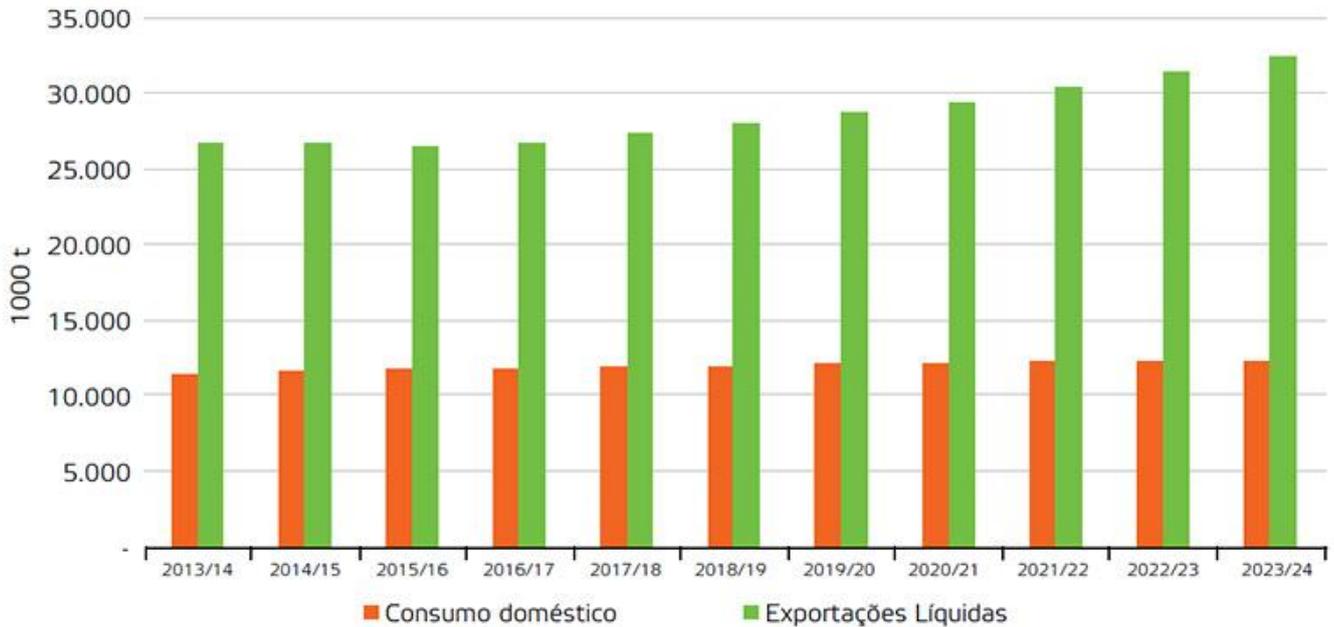
No caso do açúcar, o consumo mundial se comporta quase de maneira independente das oscilações das economias e tende a seguir o crescimento da população, o que deve agregar um volume adicional de 29,8 milhões de toneladas à demanda nos próximos dez anos.

O Brasil deverá responder por cerca de 7,6 milhões de toneladas adicionais à oferta do produto nesse mesmo período, o que corresponderá a 23% da oferta global.

Consumo

No Brasil, o consumo de açúcar é de cerca de 11,5 milhões de toneladas e cresce de acordo com o aumento da população.

Consumo Doméstico e Exportação Líquida de Açúcar



Fonte: Outlook Fiesp

Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

Em relação ao etanol, verifica-se que o seu consumo concentra-se na Região Sudeste do País, com 69% do total no caso do hidratado. Nessa área, a demanda pelo produto cresceu 147% desde 2000, chegando a 10,7 bilhões de litros em 2009. A expansão do setor no Centro-Oeste, possibilitou a ampliação da oferta, com reflexos no consumo, que cresceu 159% no mesmo período.

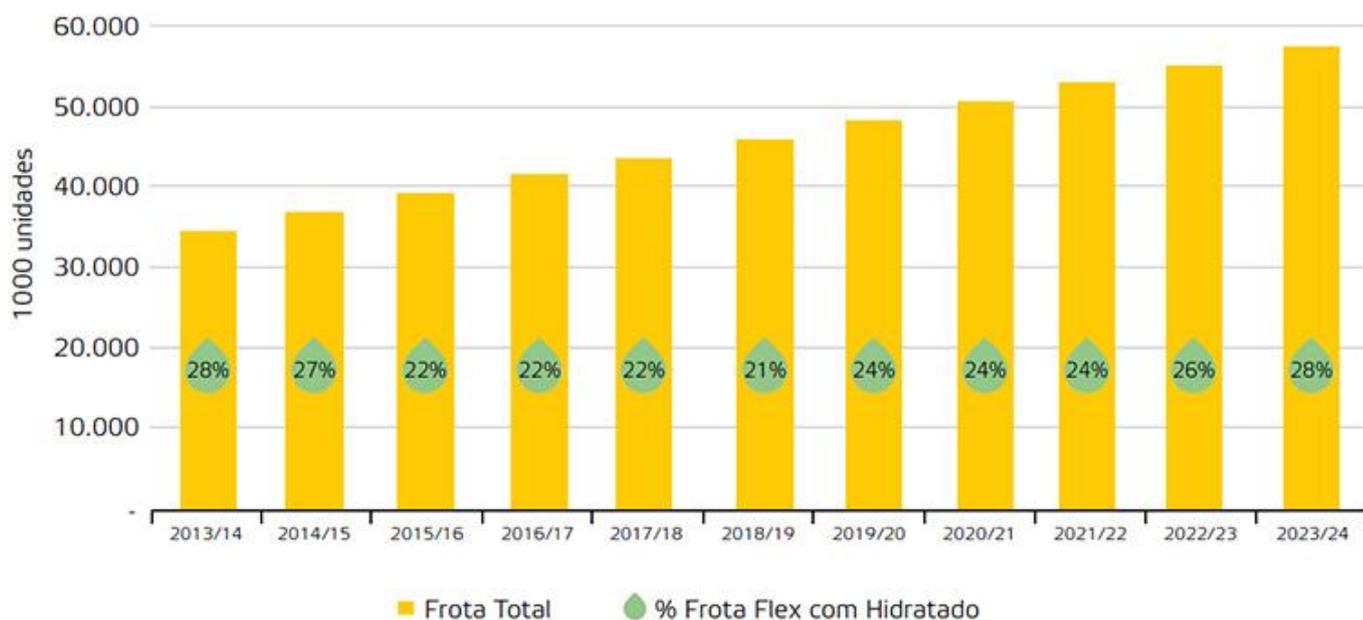
Vale destacar que, apesar desse crescimento, em 2012 houve um recuo no consumo do hidratado de 6,5 bilhões de litros em relação a 2009, influenciado em grande parte pela perda da paridade com a gasolina, cujos preços vêm se mantendo artificialmente baixos pela política governamental para o combustível.

O etanol anidro, que é adicionado à gasolina em uma proporção de 18% a 25%, tem a sua demanda concentrada no Sudeste, com 45% do total, enquanto as regiões Sul e Nordeste participam com 20% e 18%, respectivamente.

O incremento da renda nos últimos anos no País fez com que o consumo do produto se elevasse de forma mais substancial no Nordeste e Norte, em razão do melhor desempenho relativo das vendas de veículos automotivos. Nessas duas regiões, o consumo de gasolina foi ampliado em 136% e 160%, respectivamente, entre 2000 e 2012, enquanto no restante do País o consumo agregado cresceu 61%.

As vendas de veículos leves devem se expandir a uma taxa média anual mais moderada nos próximos dez anos. Dos novos veículos que entrarão em circulação, estima-se que a participação dos carros Flex Fuel se mantenha alta, ao redor de 87% do total, elevando o seu percentual na frota brasileira de veículos.

Evolução da Frota Brasileira de Veículos



Fonte: Outlook Fiesp Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

O cenário contemplado nas projeções considera uma reversão da política nacional vigente da gasolina A, levando a uma maior convergência com os preços internacionais do combustível. Em tal cenário, haverá condições do etanol voltar a ganhar competitividade em relação à gasolina C e sustentar uma elevação do consumo médio do hidratado a partir dos próximos 3 ou 4 anos. Quanto ao anidro, adota-se a hipótese de manutenção de 25% da mistura com a gasolina. Portanto, sua demanda segue a taxas ligeiramente crescentes, de acordo com a participação do uso da gasolina na frota flex.

Consumo Doméstico de Etanol Anidro e Hidratado



Fonte: Outlook Fiesp

Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

Dinâmica Regional

A expansão das usinas e dos canaviais na primeira década de 2000 não ocorreu somente nas áreas já consolidadas do setor, mas também em estados não tradicionais para o cultivo da cultura, como Goiás e Mato Grosso do Sul. Nos próximos anos, estas regiões de expansão mais recente tendem a apresentar crescimento relativamente superior às tradicionais, já consolidadas.

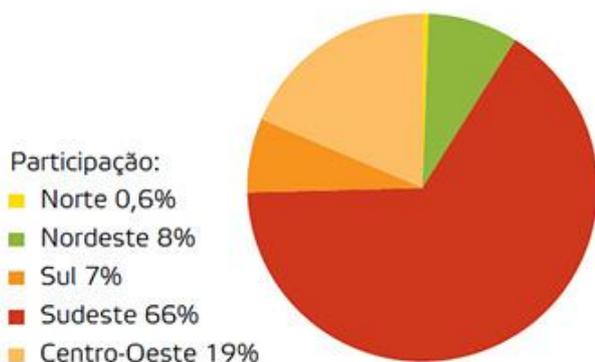
A Região Sudeste, mais tradicional, deve apresentar um acréscimo da área ocupada de 11% até 2023, em relação à de 2013, o que representa, aproximadamente, 616 mil hectares, resultado próximo ao previsto para o Centro-Oeste. Embora próximas em termos absolutos, a ampliação das áreas nas regiões menos tradicionais atingirão 41% no período.

Assim, a participação do Centro-Sul na produção de cana passa de 91%, em 2013, para 89%, em 2023. Dentro dessa região, as áreas de expansão mais recente devem ampliar sua participação na produção de 19% para 22% do total.

Participação Regional na Produção de Cana-de-Açúcar

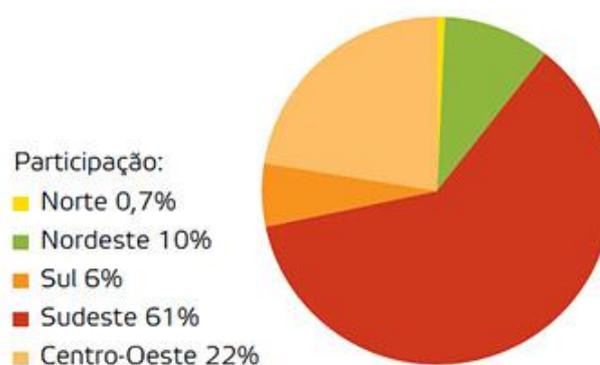
2013/14

Produção: 652 Milhões toneladas



2023/24

Produção: 862 Milhões toneladas



Fonte: Outlook Fiesp

Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

¹ No calendário sucroalcooleiro, há uma diferença conceitual na tratativa do termo “ano safra”, sendo que a produção colhida em 2013 é considerada como safra 2013/2014, diferente dos grãos, onde a mesma refere-se ao ciclo 2012/2013.